

Peter Aerchemann e a religiosidade imanente: uma transcendência ciborgue¹

Monica Rodrigues KLEMZ²
Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Peter Aerchemann, artista visual, cria colagens animadas que versam sobre a globalização na pós-modernidade. Entre os seus trabalhos, alguns questionam o espaço da religiosidade na imanência do ‘aqui e agora’. O título transcendente *Elevation*, 2012 atualiza as vivências plásticas e evidenciam a contaminação dos avanços tecnológicos e da economia e suas consequências, no sentido da existência. Através do estudo de caso pretende-se demonstrar como o simbólico natalino, no espaço-tempo, pode trazer questões onde eixos, planos e movimentos horizontais e verticais articulam a hibridez entre a máquina e a criatura, no permeável mundo contemporâneo ciborgue.

PALAVRAS-CHAVE: imanência; transcendência; arte; espaço; religiosidade.

INTRODUÇÃO

Em 1988, a Organização Mundial de Saúde introduz a espiritualidade no conceito holístico de saúde. A Carta de Genebra (WHO, 2021) explicita a necessidade de integração entre a saúde física, mental, social e espiritual, como indicadores de sucesso para o bem-estar, nas diversas escalas, ou seja, do nível global, comunitário ao individual. Em um mundo complexo, em rápida transformação, seja política, econômica, tecnológica ou climática, a urbanização, a globalização e o multiculturalismo acabam por impor ecossistemas homogeneizantes. A Organização Mundial da Saúde preconiza a promoção do bem-estar e da saúde “*with a sense of meaning and purpose*”³ (WHO, 2021, p. 4).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, espiritualidade e religiões, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cinema da Universidade Federal Fluminense, email: monicaklemz@id.uff.br.

³ com um sentido de significado e propósito (tradução da autora)

A espiritualidade se baseia nessa necessidade de respostas a questões como o significado e sentido da vida. A problematização da equação e a sua solução surge, seja através da religião, de caráter institucional, com seus dogmas, crenças transcendentais e ritos, seja da filosofia e sua problematização da metafísica, da crítica, da precarização de evidência, da suspensão de juízo (*epoché*). Também da autotranscendência, com a superação dos obstáculos através de uma significação fenomenológica para a vivência cognitiva imanente, na integração das ações intersubjetivas executadas. A religiosidade processual e a espiritualidade estrutural acabam por fornecer suporte social para a finitude de uma determinada realidade e a aceitação dos ciclos da vida.

Se a corporeidade lida com a intencionalidade e o psiquismo com a identidade, a espiritualidade integra a estrutura da personalidade, adicionando valores e propiciando tomadas de decisão baseadas em um devir. O equilíbrio, ou seja, a saúde dessa personalidade, está na administração de quando manter a estabilidade e quando promover mudanças. O adoecimento niilista surge com a fragmentação, a decadência, a descrença, o aniquilamento, na modernidade, de valores, de uma forma geral.

No aforismo 120, Nietzsche se refere à saúde da alma

A célebre forma de medicina moral (a de Aríston de Chios), “a virtude é a saúde da alma”, deveria ser pelo menos assim transformada para se tornar utilizável: “A tua virtude é a saúde da tua alma.” Porque em nós não existe nenhuma saúde, e todas as experiências que se fez para dar este nome a qualquer coisa malogram-se miseravelmente. Importa que você conheça o seu objetivo, o seu horizonte, como suas forças, os seus impulsos, os seus erros e sobretudo o ideal e os fantasmas de sua alma para determinar o que significa a saúde, mesmo para o seu corpo. (NIETZSCHE, 2000, p. 91)

Nietzsche acaba por sugerir uma transcendência imanente através da potência de vontade (de poder) do ser humano como antídoto naturalista desdeificante, com expressão nas artes, através da tecnicidade e da reflexividade estética.

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Peter Aerschmann, é um artista visual que utiliza colagens de fotografias e filmes digitais, de diversos lugares, para criar mini-mundos, onde explicita a relação do ser humano contemporâneo com o urbano, com a tecnologia, com o poder e com os resquícios da religiosidade. As suas obras operam pontes com o espectador já que o som que se escuta é do próprio ambiente de contemplação da obra. Outra característica de suas obras é o *looping*, onde a cena se repete inúmeras vezes, numa ritualidade febril. *Elevation*, 2012,

apresenta personagens parisienses, em torno de um púlpito, onde uma personagem feminina, de cabeça baixa, ascende por um tronco-ciborgue de metal, tendo como base uma melancia. O destino é o interior da copa de uma árvore de Natal.

um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. Uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças. As unidades ciborguianas são monstruosas e ilegítimas: em nossas presentes circunstâncias políticas, dificilmente podemos esperar ter mitos mais potentes de resistência e reacoplamento. (HARAWAY, 2009, p.47)

Chove. Os personagens utilizam capas impermeáveis plásticas coloridas, extensões de seus corpos. O espaço não possui chão, parede ou horizonte, qualquer linha demarcatória possível. As pessoas se situam em meio a um cinza absoluto (Imagem 1), como que suspensas.

Imagem 1 – *Elevation*, Peter Aerschmann, 2012



Fonte: *print do frame* da obra do autor

A árvore de Natal faz parte das celebrações natalinas, mas o pinheiro, cultuado no solstício de inverno, tem origem pagã e apresenta como simbolismo a longevidade, força e poder. Mediador entre a terra e o céu, apresenta folhagem perene e da sua resina se extrai o breu que permite maior aderência à superfície e o solvente terebentina. A verticalidade do pinheiro o liga à ascensão e ao título da obra. Enquanto o pinheiro, aqui

com um tronco de metal, é originário do hemisfério norte, guarda-chuva da personagem, a melancia, planta rasteira, ligada à horizontalidade, onde a personagem apoia os pés, é originária da África e símbolo da fertilidade pelo número de sementes que possui (Imagem 2). Ao ascender, a melancia, sob os pés da moça, se torna o único chão identificável.

Imagem 2 - *Elevation*, Peter Aerschmann, 2012



Fonte: *print do frame* da obra do autor

Aqui,

A horizontalidade enfatiza as relações entre as partes e o todo, faz com que um fenômeno, objeto, aspecto seja contextualizado, situado espaço-temporalmente e comparado com outros a partir de sua localidade, acentuando-se as particularidades, singularidades e relações na busca de padrões. Aqui, a espacialidade é realçada. Em cada local pode-se desenvolver a respectiva historicidade, buscas de compreensão dos fenômenos em termos das causalidades situadas em um contexto. A verticalidade enfatiza o caráter processual dos fenômenos, das coisas. Observa os diferentes contextos da horizontalidade, buscando explicá-los em conjunto ou conjuntos, em termos de propriedades, categorias: há um rumo para a descontextualização, para as generalizações, em que se ‘apagam’ tempo e espaço. (...). É uma dialética da contextualização/descontextualização que gera consciência, compreensões, explicações, atitudes e ações mais reflexivas e críticas historicamente contextualizadas e situadas. (COMPIANI, 2007, p. 34-35)

Como podemos observar, a relação verticalidade/horizontalidade é desproporcional, tendendo para uma desterritorialização onde a tradução do contexto se torna difícil.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA E CONCLUSÃO

No trabalho *Elevation*, de Aerschemann, pode-se conjecturar sobre a askesis horizontal/vertical, no exercício de equilíbrio e sustentação da personagem para a elevação de forma voluntária em busca da espiritualidade, em contraposição à ascese imposta pela religião na busca da verdade sobre a existência. Pondera também sobre a individuação, sendo o processo, executado pela personagem, solitário. Nos leva a outras questões, como a técnica e a tecnologia como promulgadoras objetivas da saúde e bem-estar em um mundo em transformação ciborgue. A possibilidade de escolha entre a aderência e a solvência de um determinado espaço da representação simbólica, onde a manutenção e a transformação se articulam transformando o real em hipótese a ser confirmada.

REFERÊNCIAS

COMPIANI, M. O lugar e as escalas e suas dimensões horizontal e vertical nos trabalhos práticos: implicações para o ensino de ciências e educação ambiental. *Ciência & Educação*, v. 13, n. 1, 2007

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz (orgs). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. 6º ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000

WHO (World Health Organization). **Geneva Charter For Well-Being**, 2021. Disponível em: https://cdn.who.int/media/docs/default-source/health-promotion/geneva-charter-4-march-2022.pdf?sfvrsn=f55dec7_21&download=true . Acesso em 27 abr. 2024.